

Cinema Fantástico Brasileiro: Sociedade e Horror na obra de Juliana Rojas e Marco Dutra¹

Rodrigo P.S. Fonseca²
Universidade Federal de Mato Grosso

Resumo

Este estudo analisa como o cinema da dupla Marco Dutra e Juliana Rojas mobiliza o fantástico como dispositivo simbólico para tensionar questões sociais do Brasil contemporâneo. A pesquisa abrange os curtas-metragens “O Lençol Branco” (2004) e “Um Ramo” (2007), além dos longas “Trabalhar Cansa” (2011) e “As Boas Maneiras” (2018), observando de que modo elementos sobrenaturais — como monstros, assombrações e transformações corporais — operam como metáforas de conflitos de classe, raça, gênero e trabalho. Por meio da análise contextual, autoral e fílmica, com destaque para o filme “As Boas Maneiras”, o estudo se ancora na concepção de Kracauer (2009) sobre o fantástico como reflexo social, articulando também os estudos de Lilia Schwarcz (2019) sobre construção da identidade nacional e mecanismos de exclusão racial e social no Brasil.

Palavra-chave: Cinema fantástico; Horror; Identidade nacional; Cinema brasileiro

Introdução

Nas últimas décadas, o cinema brasileiro passou por uma reconfiguração do gênero do horror, com obras que articulam tensões sociais via narrativas fantásticas. Como aponta Laura Cánepa (2008), embora o fantástico e o grotesco já estivessem presentes na cinematografia nacional — em figuras como Zé do Caixão ou no cinema da Boca do Lixo —, é nos anos 2000 que o horror ganha novo fôlego, especialmente com a consolidação de coletivos voltados à experimentação estética e crítica. Desse contexto, destaca-se o coletivo Filmes do Caixote (2001), do qual surge a colaboração entre Juliana Rojas e Marco Dutra, dupla responsável por uma obra singular que atravessa curtas e longas-metragens.

¹ Trabalho apresentado no GP Cinema, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando em Comunicação do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso. E-Mail.: rodrigopsfonseca@gmail.com

Partindo do horror e do fantástico como expressões simbólicas de angústias sociais, este trabalho analisa como se desenha a relação entre esses gêneros e a crítica social na filmografia de Rojas e Dutra. Filmes como “O Lençol Branco” (2004), “Um Ramo” (2007), “Trabalhar Cansa” (2011) e “As Boas Maneiras” (2018) usam o sobrenatural não só como recurso narrativo, mas como metáfora de exclusão, tensões raciais e afetivas, desigualdade de classe e crises na identidade nacional. Com apoio em Kracauer (2009), que vê o horror e o fantástico como sintomas de conjunturas psico-sociais, e nas reflexões de Lilia Schwarcz (2019) sobre identidade e diferença no Brasil, busca-se examinar a obra da dupla, com ênfase em “As Boas Maneiras” enquanto síntese poética e política de seu percurso.

Aparato teórico-metodológico

Para entender como o cinema de Rojas e Dutra mobiliza o fantástico como crítica social, este trabalho articula três abordagens: análise contextual, estudos de autoria e análise fílmica.

A análise contextual situa a obra da dupla no panorama do horror brasileiro pós-anos 2000, considerando seus antecedentes (Zé do Caixão, Boca do Lixo) e os desdobramentos sociais e políticos que moldam a produção e recepção dessas narrativas. Nesse sentido, nos apoiamos no mapeamento feito por Laura Cánepa (2008) sobre a trajetória do horror no Brasil. A análise contextual nos permite compreender como os filmes dialogam com crises sociais — classe, raça, trabalho e identidade.

A partir dos estudos de autoria, é analisada a colaboração entre Rojas e Dutra como proposta estética e política coerente. Autores como François Truffaut (1954) e Andrew Sarris (1962), que tratam da autoria cinematográfica como marca estilística e ideológica, ajudam a compreender como a dupla constrói uma linguagem própria — marcada por ambiências fantásticas, atmosferas inquietantes e personagens em dilemas sociais.

Por fim, a análise fílmica (Vanoye; Goliot-Lété, 1994) examina a construção simbólica e narrativa das obras. Elementos como mise-en-scène, fotografia, som, montagem e direção de arte serão analisados à luz do cinema fantástico e do horror, com base em Noël Carroll (1999) e Kracauer (2009), para investigar como os dispositivos do gênero atuam como metáforas de exclusão, opressão e conflitos identitários.

A articulação dessas frentes permite uma leitura crítica da filmografia selecionada, com foco em “As Boas Maneiras” (2018), obra derradeira e síntese da proposta estética e política da dupla criativa.

Considerações finais

A filmografia de Rojas e Dutra revela uma operação sofisticada do horror como linguagem crítica no cinema brasileiro contemporâneo. Ao utilizarem o fantástico como metáfora das tensões sociais — especialmente em temas como classe, trabalho, afeto e exclusão — a dupla constrói um cinema sensível às fissuras do real, evocando tradições autorais anteriores, mas propondo novas formas de fabular o país.

Mais do que escapismo, o sobrenatural em seus filmes intensifica o contato com o mundo social, mobilizando afetos e estranhamentos capazes de deslocar o olhar. Essa abordagem aponta para uma estética politizada do medo, que convida o espectador a encarar os monstros do cotidiano brasileiro.

Referências

CÁNEPA, L. L. Configurações do horror cinematográfico brasileiro nos anos 2000: continuidades e inovações. In: Série Comunicação & Inovação. 1a ed. São Caetano do Sul: USCS, 2016, v. 8, p. 121-144.

CÁNEPA, L. L. Medo de que? : uma história do horror nos filmes brasileiros. Tese de doutorado, Unicamp, 2008.

CARROLL, Noël. O que é o cinema do terror? In: CARROLL, Noël. Filosofia do Horror ou Paradoxo do Coração Partido. São Paulo: Unesp, 1999. p. 15–42.

KRACAUER, S. De Caligari a Hitler: uma história psicológica do cinema alemão. São Paulo: Iluminuras, 2009.

KRACAUER, Siegfried. Teoria do Filme: A Redenção da Realidade Física. Tradução de Tatiana Salem Levy. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

OLIVEIRA-MONTE, E. KF. Queering Brazilian Horror: Race, Class, and Sexual Orientation in As boas maneiras (2017). Journal of Gender and Sexuality Studies/Revista de Estudios de Género y Sexualidades, v. 47, n. 1, p. 31-50, 2021.

OLIVEIRA, M. C. “Novíssimo” cinema brasileiro: práticas, representações e circuitos da independência. São Paulo, 2016.

SARRIS, Andrew. Notes on the Auteur Theory in 1962. In: BRAUDY, Leo; COHEN, Marshall (org.). Film Theory and Criticism: Introductory Readings. New York: Oxford University Press, 2009. p. 561–564.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Sobre o Autoritarismo Brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TRUFFAUT, François. Uma certa tendência do cinema francês. In: XAVIER, Ismail (org.). A Experiência do Cinema. Rio de Janeiro: Graal, 1983. p. 89–100. (Texto originalmente publicado na revista Cahiers du Cinéma, 1954.)

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. Ensaio Sobre a Análise Fílmica. Campinas: Ed. Papirus, 1994.

WILLIAMS, Linda. Film Bodies: Gender, Genre, and Excess. Film Quarterly, v. 44, n. 4, p. 2–13, Summer 1991.

XAVIER, Ismail. Sertões e Favela no Cinema Brasileiro: Representações Sociais e Violência Urbana. São Paulo: Papirus, 2003.

LENNE, G. O cinema fantástico e suas máscaras. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

TODOROV, T. Introdução à literatura fantástica. São Paulo: Perspectiva, 2019.